A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO ALCOOLISTA: UM ESTUDO DE CASO

THE CONSTRUCTION OF THE ALCOHOLIC SUBJECT - A CASE STUDY

Wasney de Almeida Ferreira[1]

RESUMO: O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise semiótica de um texto verbo-visual, um vídeo depoimento, produzido por um ex-alcoolista, buscando compreender como se dá a construção do sujeito alcoolista. Para isso, foi tomado como referencial teórico a semiótica francesa, que possibilitou a análise, bem como a psicopatologia, que viabilizou a análise crítica. O sujeito alcoolista emerge a partir do momento em que há a disjunção com o objeto corpo-autocontrole, ocorrendo uma inversão dos papéis actanciais de sujeito e objeto. Se o bebedor social (sujeito realizado) inicia, mantêm e interrompe seu comportamento diante a bebida (objeto), o alcoolista (objeto) não é capaz de fazer o mesmo diante a bebida (sujeito).

Palavras-chaves: alcoolismo; semiótica francesa; sujeito; psicologia; psicopatologia.

ABSTRACT: The goal of this paper was to realize a semiotic analysis of a verbal-visual text, a testimony video, made by an ex-alcoholic, trying to understand how the construction of the alcoholic subject is. For this, the French semiotics and psychopathology theory were adopted to make this research possible. The alcoholic subject gives up in the moment that there is a disjunction between subject and body-control. If a social drinker (subject) is able to start, maintain and stop his/her behavior in relation the drink (object), the alcoholic person (object) can't do the same thing in front of a drink (subject).

Keywords: alcoholism; french semiotics; subject, psychology, psychopathology.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será apresentada a construção de um sujeito alcoolista, buscando realizar uma análise semiótica crítica do depoimento de um ex-alcoolista, viabilizando um estudo de caso. Primeiro, será apresentado um resumo geral da semiótica francesa, referencial teórico deste trabalho (BARROS, 2002; GREIMAS; COURTÉS, 1986; FIORIN, 2008; LARA; MATTE, 2009), buscando explicar os conceitos que consideramos mais importantes para a compreensão da análise. Depois

[1] Formado em psicologia e mestrando em linguística teórica e descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É membro do grupo "Metáfora, Cognição e Cultura" e também do núcleo "Estudos Cognitivos no Discurso", da Faculdade de Letras da UFMG (FaLe/UFMG).

disso, será apresentado, também de forma resumida, o que é o alcoolismo e quais são os seus principais sintomas e comprometimentos biológicos, psicológicos e sociais. Após isso, será apresentado o texto selecionado para a análise, o depoimento de um ex-alcoolista, bem como outros textos escolhidos para a análise intertextual. Por fim, será apresentada a análise semiótica do depoimento, buscando realizar uma reflexão crítica acerca da construção do sujeito alcoolista, o que poderá ser uma contribuição da semiótica para a psicopatologia.

SEMIÓTICA FRANCESA

O presente trabalho tem como objetivo analisar o discurso de um ex-alcoolista e, para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada a perspectiva da semiótica discursiva, também conhecida como semiótica francesa ou semiótica greimasiana (BARROS, 2002; GREIMAS; COURTÉS, 1986; FIORIN, 2008; LARA; MATTE, 2009). O objeto de estudo dessa abordagem teórica não é o signo, tão bem estudado pelos semiologistas, mas sim o texto, seja ele verbal, escrito, visual, musical etc. Por ser uma totalidade indissociável, o texto é constituído de um plano de conteúdo e de um plano de expressão, que se articulam na construção do sentido. Por exemplo, uma mesma canção pode ser expressa por meio de uma diversidade de ritmos musicais, como o samba, o rock ou o pagode e, em cada caso, a música terá um sentido próprio. É por isso que uma mesma canção pode incitar no ouvinte diferentes reações, como a alegria, a tristeza ou o saudosismo, já que o ritmo musical recria o plano de conteúdo.

Por ser uma totalidade constituída de um plano de conteúdo e de um plano de expressão, o texto apresenta três níveis: o nível fundamental, o nível narrativo e o nível discursivo (BARROS, 2002). No nível fundamental, é possível o analista encontrar as categorias semânticas de base (bem versus mal, homem versus mulher, humano versus animal etc.), que são generalistas e dão suporte ao texto. Por exemplo, a categoria semântica de base do livro Apocalipse, presente na Bíblia, é o bem versus o mal, onde o bem é entendido como eufórico, positivo, e o mal como disfórico, negativo. No nível narrativo, é possível o analista encontrar as modalizações, onde os sujeitos entram em junção (conjunção ou disjunção) com os objetos, caracterizando os sujeitos de estado e os sujeitos de fazer. Por exemplo, no Novo Testamento, Jesus Cristo é um sujeito de fazer, ao passo que os pobres e os oprimidos são sujeitos de estado, pois somente Cristo é capaz de fazer as pessoas entrarem em conjunção com os objetos vida, felicidade, saúde etc. No nível discursivo, é possível o analista encontrar as projeções da enunciação no enunciado, os percursos figurativos e temáticos, as relações entre o enunciador e o enunciatário etc.. Por exemplo, no Apocalipse, as figuras são anjos, demônios, pecadores, arrependidos, ao passo que o tema é "os dias finais". Os níveis fundamental, narrativo e discursivo são os extratos de um texto, embora todos se articulem na constituição do sentido textual.

Na análise do nível narrativo, é importante enfatizar que as definições de sujeito e objeto, segundo a semiótica francesa, não coincidem com as definições de senso comum: nem toda pessoa é sujeito e nem todo objeto é objeto (LARA;

MATTE, 2009). Na verdade, a definição de sujeito e de objeto não é dada *a priori*, pois depende das modalizações, de como o percurso narrativo irá desenrolar-se e é, por isso, que a semiótica utiliza o termo protoactantes. Estes são entidades indefinidas, indiferenciadas, que podem ou não adotar, ao longo do percurso narrativo, o papel actancial de sujeito ou de objeto. Por exemplo, os personagens figurinos que aparecem na televisão, como nos seriados, não são sujeitos para a semiótica francesa, porque eles não são modalizados. Esses personagens "não querem", "não devem", "não sabem" e "não podem" fazer nada diretamente associado à narrativa e, por isso, permanecem como objetos. Por outro lado, as cadeiras, os tapetes, os animais e as portas que aparecem na literatura, como nas fábulas, podem adotar o papel actancial de sujeitos, desde que sejam modalizados. Na fábula Alice no País das Maravilhas, há uma série de animais, de objetos e plantas que são, na verdade, de acordo com a semiótica francesa, sujeitos de fazer e sujeitos de estado.

Essas modalizações ocorrem no nível narrativo do texto, onde as relações de conjunção e disjunção entre os sujeitos e os objetos são realizadas, a partir da ação de outros actantes. Primeiro, iremos falar dos tipos de objetos e, logo em seguida, iremos apresentar os diversos tipos de sujeito. Quando o sujeito tem um objeto de valor, dizemos que ele está em conjunção com o objeto. Quando ele não tem, dizemos que ele está em disjunção. Por exemplo, quando alguém diz "Eu estou feliz", tal sujeito está em conjunção com o objeto de valor felicidade. Quando alguém diz "Eu não estou feliz", tal sujeito está em disjunção com o objeto felicidade. Existem basicamente dois tipos de objetos: os objetos modais, que atuam como meio, e os objetos descritivos, que atuam como um fim. Por exemplo, o dinheiro é um objeto modal que possibilita a um sujeito entrar em conjunção com o objeto descritivo casa própria. Sem o objeto modal dinheiro, o sujeito não entraria em conjunção com o objeto descritivo casa própria. Já o antiobjeto[2] é um objeto de não valor, que o sujeito não quer entrar em conjunção ou que o sujeito busca livrar-se. Após apresentar os tipos de objetos, poderemos explicar melhor os diversos tipos de sujeitos.

Como foi apresentado, para a semiótica francesa, não existe uma diferenciação *a priori* do que seja um sujeito e do que seja um objeto. O que define um sujeito é o seu grau de modalização, que pode ser virtualizante ("querer" e "dever") ou atualizador ("saber" e "poder") (BARROS, 2002). O sujeito potencial é o que está mais próximo da condição de objeto, pois ele "não quer", "não deve", "não pode" e "não sabe" entrar em conjunção com um objeto. Por exemplo, um bandido perigoso é um sujeito potencial, pois ele "não quer", "não deve", "não pode" e "não sabe" entrar em disjunção com o objeto crime. Já o sujeito virtual "quer" e/ou "deve", porém ele ainda "não sabe" e/ou "não pode" entrar em conjunção com um objeto. Por exemplo, um bandido preso pode "querer" e/ ou "dever" entrar em disjunção com o objeto crime, porém ele ainda "não pode" e "não sabe". Todos esses dois tipos de sujeito são sujeitos de estado, pois eles, além de não possuírem o "saber"

[2] Para cada papel actancial pode existir, em um texto, seu respectivo "anti", como antiobjeto, antissujeito, antidestinador-manipulador etc. Estes encarnam os valores opostos daqueles outros.

e o "poder", entram em junção a partir das manipulações de terceiros. Portanto, o destinador-manipulador é um sujeito de fazer, que possibilita ao sujeito potencial (- querer, - dever, - poder, - saber) alcançar o estado de sujeito virtual (+ querer, + dever, - poder, - saber). Porém, a manipulação só é efetiva caso o manipulador--destinador e o seu manipulado partilhem os mesmos códigos de valores, isto é, tenham um mesmo contrato.

Para alcançar o estado de sujeito atualizado, o sujeito virtual precisa adquirir a competência (GREIMAS; COURTÉS, 1986). Por exemplo, "querer" e/ou "dever" arrumar um emprego como mecânico não é o suficiente para que um sujeito entre em conjunção com o objeto-valor trabalho. Para isso, é preciso que o sujeito faça um curso de mecânica, saiba usar as ferramentas e instrumentos, tenha um conjunto de conhecimentos básicos, ou seja, adquira competência. Após adquirir a competência necessária, o sujeito virtual (+ querer, + dever, - poder, - saber) alcança a condição de sujeito atualizado (+ querer, + dever, + poder, + saber). Porém, adquirir a competência de um mecânico também não é o suficiente, pois é necessário que o sujeito realize a performance, para provar que de fato adquiriu o "saber fazer". Após realizar a performance, o sujeito pode ser sancionado positivamente ou negativamente por um destinador-julgador, que pode fazer isso cognitivamente e/ou pragmaticamente. Se o dono da empresa diz ao recém-mecânico "Muito bem! A máquina ficou excelente", temos uma sanção pragmática positiva, que pressupõe uma sanção cognitiva de mesma natureza. Após adquirir a competência, realizar a performance e ser sancionado, temos um sujeito realizado (+ já fez), um sujeito de fazer, que se encontra em conjunção com o objeto.

Tabela 1: Resumo dos tipos de sujeito e suas respectivas modalizações. O símbolo "+" significa que possui a modalização, ao passo que o símbolo "-" não possui a modalização.

Proto-actantes	*Suj.potencial*	*Suj. virtual*	*Suj. atualizado*	*Suj. realizado*
Sujeito/objeto	- querer	+ querer	+ querer	* já fez
* Estado de indiferenciação, indefinição, entre o sujeito e o objeto.	- dever	+ dever	+ dever	
	- saber	- saber	+ saber	
	- poder	- poder	+ poder	
	Mas, tem motivos para "querer" e ou "dever" fazer.	Precisa adquirir a competência.	Precisa realizar a performance e ser sancionado.	Encontra-se em junção com o objeto de valor.

Conforme o exposto, o percurso narrativo faz parte do nível narrativo e se trata de uma série de relações de implicações, em que uma coisa pressupõe uma série de outras anteriores (BARROS, 2002). Por exemplo, um sujeito realizado pressupõe um sujeito que foi sancionado positivamente, pressupõe um sujeito que realizou

a performance, pressupõe um sujeito que adquiriu a competência, pressupõe um sujeito virtual que foi manipulado etc.. A construção do sujeito na narrativa, no caso a construção do sujeito alcoolista, se dá dessa forma seqüencial, em que uma coisa pressupõe a outra. Qual é o papel actancial do alcoolista? Qual é o papel actancial da bebida? Será que o alcoolista é realmente sujeito? Será que a bebida é realmente objeto? Quem são os destinadores-manipuladores? Quem são os destinadores-julgadores? Quais são os contratos? Enfim, como se dá a construção do sujeito alcoolista, sobretudo de um ex-alcoolista, que, pelo menos a princípio, conseguiu entrar em disjunção com a bebida? O objetivo deste trabalho é investigar todas essas coisas.

ALCOOLISMO

O alcoolismo é um transtorno mental, classificado na categoria dos Transtornos Relacionados a Substâncias, ao lado de outras moléstias, como o abuso de anfetamina, de cocaína, de cafeína, de *cannabis*, dentre outras (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2007; ROTONDO, 1998). A princípio, a ingestão de álcool é considerada normal na cultura, sendo que cerca de 51% dos adultos fazem uso de bebidas alcoólicas regularmente. O alcoolismo, propriamente dito, emerge na medida em que a ingestão de álcool ocasiona em prejuízos secundários, relacionados diretamente ao álcool. Por exemplo, o abuso de álcool é entendido como o uso recorrente em situações de risco (como dirigir alcoolizado), a incapacidade de cumprir com as obrigações (como faltar ao serviço) e a não mudança de comportamento; apesar da autoconsciência de que o abuso está sendo prejudicial ao próprio usuário e a terceiros. Já a dependência é tida como a tolerância ao álcool (precisa-se de doses cada vez mais elevadas para obter o mesmo efeito), a crise de abstinência (tremores, dificuldade de sono, ansiedade, que são secundários ao ficar sem beber) e os recorrentes fracassos em não conseguir mudar o comportamento.

Estima-se que dentre todos os adultos da população americana, entre 30 e 45% já tiveram, pelo menos uma vez, problemas relacionados ao álcool, como "apagões", amnésias, dirigir alcoolizado, faltar ao trabalho etc. (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2007, p. 427-446). O abuso de álcool reduz a expectativa de vida a 10 anos, sendo que os motivos mais recorrentes de morte são o suicídio, os problemas cardíacos e hepáticos. Embora muitas vítimas fatais em acidentes de trânsito não sejam alcoolistas, 50% das mortes estão associadas ao álcool. A bebida alcoólica, também, está relacionada a 50% de todos os homicídios e 25% de todos os casos de suicídio. Por volta de 200 mil mortes por ano estão associadas diretamente ao álcool. Cerca de 30 a 40% das pessoas com problemas relacionados ao álcool satisfazem, também, o diagnóstico de depressão maior. O alcoolismo possui traços hereditários, genéticos, pois parentes próximos de alcoolistas têm de 3 a 4 vezes mais problemas com o álcool, quando comparados aos grupos controles. Apesar disso, fatores psicossociais também são determinantes. Em resumo, o alcoolismo é uma doença complexa, multifatorial, que envolve fatores genéticos, psicossociais, neurológicos, cognitivos e de outras ordens; tanto em suas causas, quanto em suas conseqüências.

TEXTOS SELECIONADOS

O texto selecionado para a análise foi uma entrevista realizada com um sujeito ex-alcoolista, C. A. da C. C., (que será tratado pelo pseudônimo Rodrigo), de 46 anos, que começou a ingerir bebida alcoólica aos 13 anos de idade. Ele começa o texto narrando a sua história, respondendo uma série de perguntas ao entrevistador, o que torna a análise mais aplicável ao campo da saúde mental. Rodrigo foi casado duas vezes, sendo que se enveredou pelo abuso de álcool após o termino de seu primeiro relacionamento, época em que desenvolveu depressão. A entrevista foi realizada pela Universidade de São Paulo (USP) e se encontra disponível no seguinte endereço eletrônico <http://www.youtube.com/watch?v=OYh3NJtrnmw>. Para estabelecer alguma intertextualidade com esse texto, com o propósito de desenvolver uma análise crítica, foram selecionados outros dois textos: Um Compêndio de Psiquiatria (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2007), que é mundialmente conhecido e utilizado pelos profissionais de saúde mental, e um depoimento de uma ex-alcoolista. Esse segundo texto faz parte de uma campanha de conscientização e se encontra disponível no site <http://www.youtube.com/watch?v=ZSnevEypHd8>.

ANÁLISE CRÍTICA

Analisando o texto, percebemos que o ex-alcoolista Rodrigo, antes de enveredar-se pelo abuso de bebidas alcoólicas, era de família alcoólatra, filho de pai alcoolista. Trata-se, ainda, de um sujeito potencial, uma criança, que "não quer", "não deve", "não pode" e "não sabe", mas que tem motivos aparentes para "querer" e/ou "dever". O seu pai pode ter sido um destinador-manipulador, que inseriu nessa criança um "querer" e/ou um "dever" fazer. Pois, como evidenciam os estudos em psicologia do desenvolvimento, as crianças tendem a imitar o comportamento dos adultos, mesmo em um nível do brincar (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2006). Portanto, tomando esse pressuposto como verdadeiro, podemos dizer que essa criança já era um sujeito virtual, detentora de um "querer" e/ou "dever" beber. Afinal, a bebida é um objeto-valor, não unicamente na sociedade e no "mundo lá fora", mas também dentro da casa do ex-alcoolista Rodrigo.

Porém, por ainda ser uma criança, podemos inferir que esse percurso narrativo "ingerir bebida alcoólica" não foi realizado provavelmente por motivos sociais. Em nossa cultura, há um contrato social mais ou menos implícito de que crianças "não devem" e/ou "não podem" ingerir bebidas alcoólicas. Na verdade, a bebida é um antiobjeto, com o qual a criança "não deve" e "não pode" entrar em conjunção, pelo menos até a sua maioridade. Caso decida beber, não unicamente a criança, mas também os seus responsáveis teriam grandes probabilidades de serem sancionados negativamente, devido à quebra de contrato[3]. "Menino, você está bebendo?! Onde estão os seus pais? Eu

[3] Essa hipótese, de que as crianças ainda "não podem" e "não devem" beber, nem sempre é seguida, pois há muitos casos de alcoolistas que começaram a ingerir bebidas alcoólicas na infância. Isso pode

quero conversar com eles... Isso é um absurdo!", diriam alguns destinadores-julgadores, diante a quebra do contrato social "crianças não podem e não devem beber". Entretanto, esses mesmos contratos sociais tornam-se menos rígidos e claros, na medida em que o indivíduo cresce e se aproxima, gradativamente, da maioridade.

Foi assim, em sua pré-adolescência, aos 13 anos, na escola e nas festas, que o ex- alcoolista Rodrigo começou a beber, o que evidência a importância dessa fase do desenvolvimento. A adolescência, enquanto um objeto modal, possibilitou ao pré-adolescente a competência para entrar em conjunção com o objeto caipirinha e, mais tarde, com outras bebidas. Certamente, esse sujeito foi atualizado por colegas e amigos da escola, destinadores-manipuladores, que já se encontravam em conjunção com o objeto bebida. Se antes, na infância, a bebida alcoólica era tida como um antiobjeto, agora, na adolescência, ela é tida como um objeto-valor, que se encontra relacionado a uma série de outros percursos. Se antes a criança era sancionada negativamente caso ousasse beber, agora o adolescente é sancionado positivamente, pois se encontra mais próximo da maioridade.

Essa fase pré-alcoolismo é marcada pelo sujeito realizado, que é capaz de entrar em conjunção e disjunção com o objeto-valor bebida, conforme os seus interesses. Ele é um sujeito de fazer, provido de competência, e é capaz de iniciar, manter e inibir o seu desempenho em relação ao álcool, enveredando-se por outros programas narrativos. Ingerir bebida alcoólica, muitas vezes, está relacionado a programas de uso, o que evidencia que o álcool não é um fim, mas um meio. Por exemplo, um sujeito introvertido não teria competência para conhecer uma garota, mas, na conjunção com o álcool, se sentiria capaz de conquistar uma. Um indivíduo estressado, ansioso ou em depressão, ao fazer uso da bebida alcoólica, é capaz de entrar temporariamente em disjunção com esses antiobjetos, mudando o seu estado de alma. Porém, ter a competência para tal não significa, necessariamente, que a performance será adequada e que suas ações serão sancionadas positivamente. Muitos alcoolistas, ao desempenharem os seus programas narrativos de base, são sancionados negativamente pelos colegas, que mantêm um contrato interno. "Você bebeu demais e não conseguiu nada com aquela garota; seu idiota!", sancionariam pragmaticamente alguns amigos que presenciaram as performances falhas.

Tabela 2: Resumo dos objetos de valor e dos anti-objetos em relação ao sujeito alcoolista

Objetos de valor	*Antiobjetos*
• Alegria; prazer; tranquilidade; relaxamento; extroversão; sociabilidade; paz; paciência; sensualidade etc.	• Estresse; depressão; angústia; preocupação; problemas familiares; frustração; sentimento de inferioridade; desemprego etc.

ser percebido na intertextualidade com outros textos, sobretudo aqueles produzidos no campo ou nas cidades pequenas. Isso nos possibilita inferir que os contratos sociais estabelecidos nesses lugares são outros e que as sanções negativas das cidades grandes não têm os mesmos efeitos nesses lugares.

Conforme se pode observar na Tabela 02, o álcool é um objeto modal que possibilita ao sujeito entrar em conjunção com uma série de objetos-valores, como a alegria, o prazer, a tranquilidade, o relaxamento, a extroversão, a socialização etc. Além disso, a bebida é um objeto modal que possibilita a disjunção com uma série de antiobjetos, como o estresse, a depressão, a angustia, a preocupação, a frustração, o sentimento de inferioridade etc. Assim, percebe-se que o álcool possui intima correlação com o estado de alma do sujeito, que cada vez investe mais valores na bebida. Essa correlação é percebida no discurso do ex-acoolista Rodrigo, que diz que seu abuso de álcool começou durante seu primeiro casamento. Fica pressuposto alguma frustração, decepção ou ruína nessa época, que pode ou não estar relacionada com o casamento, tido como "ruim" (antiobjeto). A disjunção com o objeto-valor casamento, que pressupõe uma série de outras disjunções correlatas, estabeleceu a ocasião para o surgimento de uma falta. Portanto, a bebida era um objeto modalizador que possibilitava Rodrigo entrar em disjunção com a depressão, o que caracteriza a correlação entre transtornos do humor e abuso de álcool. É possível perceber, por meio da análise semiótica, a diferença entre o alcoolista e o bebedor social.

A distinção entre o alcoolista e o não alcoolista, em termos semióticos, pode ser entendida a partir do momento em que os papéis actanciais de sujeito e objeto são invertidos. Numa fase pré-alcoolista, o indivíduo é um sujeito de fazer, capaz de entrar em conjunção e disjunção com o objeto bebida, conforme o seu desejo. Porém, numa fase alcoolista, o sujeito de fazer desaparece, cedendo espaço a um sujeito de estado, que vive a mercê do processo de antropomorfização do álcool. Isso significa que o alcoolista encontra-se em um estado de disjunção com o seu próprio corpo, mente, comportamento e personalidade, e se sente como um "robô". Em termos neurobiológicos, o alcoolista possui dificuldade de inibir comportamentos já iniciados ou desencadeados, uma função do córtex pré-frontal (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2002). Esse processo de objetificação do sujeito alcoolista, da automatização de seus comportamentos, pode ser exemplificado na intertextualidade com outro texto, produzido por uma alcoolista.

> Primeiro a gente começa [a beber] por prazer mas depois não é normal uma pessoa beber no café da manhã e passar cerca de 22 h pendurado na cana. O que caracteriza o alcoólatra? O que me caracteriza? **A Perda de controle**, e isso eu não possuía mais, sabe... é você achar que pode ir ao barzinho e sair de lá na hora que quiser e não conseguir, é chegar a ter uma amnésia alcoólica.

O alcoolismo, como apresentado no fragmento de texto acima, institui-se a partir do momento em que ocorre o processo de disjunção com o objeto autocontrole. O alcoolista não tem a liberdade de escolher entre "o beber" e o "não beber", uma vez que ele se aproxima muito mais do papel actancial de objeto do que de sujeito. Essa perda do controle é de natureza psicopatológica, e pode ser compreendida como um processo de automação do indivíduo adoecido (DALGALARRONDO, 2000). Rodrigo relata que, após o término do seu segundo casamento, a sua depressão

aumentou, o que estabeleceu a ocasião para o abuso ainda mais exacerbado. Isso fez do álcool um objeto paradoxal, pois ao mesmo tempo em que ele possibilitava a conjunção com alguns objetos-valores (bem estar, amigos de bar etc.), ocasionava também na disjunção com outros objetos-valores (amigos verdadeiros, a confiança no trabalho e a sua segunda família). Como as perdas eram maiores que os ganhos, Rodrigo percebeu que era necessário buscar ajudar de profissionais de saúde mental e, assim, agiu apoiado pela família.

O ex-alcoolista ficou internado durante 33 dias, sobre a orientação de profissionais da saúde, mas ao sair do regime foi direto ao bar, antes mesmo de chegar em casa. Isso significa que as tentativas de antimanipulação realizadas pelos profissionais de saúde, pelo menos num primeiro momento, foram revogadas, já que Rodrigo certamente não partilhava os mesmos contratos. Ao chegar em casa, a sua mãe o sancionou pragmaticamente de forma negativa, já que havia bebido, e isso também foi uma forma de inserir nele um "não querer" beber. Rodrigo já havia perdido a sua segunda família, os seus amigos verdadeiros e a confiança no trabalho. A bebida, a cada dia, estava o levando a um estado de disjunção com uma série de objetos-valor, o que aumentava ainda mais a sua sensação de falta e vazio. Ao fazer uso do antidepressivo, antimanipulado pelos profissionais de saúde, foi gradativamente estabilizando o seu humor e diminuindo a ingestão de álcool. Portanto, o antidepressivo foi um objeto modalizador que possibilitou, no lugar do objeto álcool, a disjunção com a depressão, o mal-estar e a bebedeira, aumentando a sua autoestima.

Esse lugar adquirido pelo objeto antidepressivo foi extremamente importante, pois corroborou a tese de que o abuso de álcool possui correlação com o estado de alma depressão. Portanto, pode-se dizer que o álcool estava sendo um "antidepressivo", porém com uma série de efeitos colaterais, por ser um objeto de natureza paradoxal. Tanto o antidepressivo quanto o álcool são depressores do sistema nervoso central (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2002) e, em termos semióticos, estão envolvidos na conjunção com o bem-estar. A diferença, como foi dito, está no fato de que o álcool possuiu uma série de efeitos colaterais, ao passo que o antidepressivo possui menos. A inserção do antidepressivo foi fundamental, pois ele passou a tomar o lugar da bebida.

Porém, apesar do antidepressivo diminuir a conjunção entre Rodrigo e o objeto-valor álcool, isso não significa que ele tenha parado de beber de forma abrupta. O antidepressivo ocasionou a disjunção entre o sujeito de Rodrigo e a necessidade compulsiva de beber, mas não o levou a imediata disjunção com o "ir ao bar e beber". Em outras palavras, ele não sentia a mesma necessidade compulsiva acerca do álcool, mas mesmo assim bebia, pois tinha o hábito de ir ao bar. No mesmo período, médicos e psicólogos atuavam, cada qual da sua forma, como antidestinadores-manipuladores, inserindo no sujeito de Roberto um "não poder" e um "não dever". Apesar disso, por mais paradoxal que possa ser, o grande antidestinador-manipulador, que inseriu em Rodrigo um "não querer" e um "não dever" beber foi a sua própria pessoa. Portanto, podemos perceber a importância que o sincretismo teve no processo de tratamento, já que o destinador-manipulador e o destinatário-sujeito se sobrepuseram.

> Um dia de manhã, olhei no espelho. Rosto inchado, barbudo. [...]. **Cara, esse não é você!** [...] E aí eu já olhei e disse assim: não é isso que você quer para você! De hoje em diante, não bebo mais. E foi a partir daí que eu bati o pé e disse "não bebo mais".

Nesse fragmento de texto, percebemos que Rodrigo fez uso de uma embreagem enunciativa de pessoa, tomando a sua própria imagem no espelho como uma segunda pessoa (você-aí-então). Isso significa que o antidestinador-manipulador é uma parte de sua própria personalidade, que de alguma forma manteve-se fora do processo. O EU, sobretudo nos casos de psicopatologia, não é uma totalidade coerente e coesa, mas um aglomerado de vivências e experiências, muitas vezes conflitantes. Esses resultados são importantes tanto para a psicopatologia quanto para a semiótica, pois deixa claro que o sujeito, também, é uma estrutura, constituída de elementos articulados. Sendo assim, o sujeito pode ser fragmentado em partes, que se conflitam nas relações que estabelecem com os objetos. No caso do alcoolista, o seu EU está "trincado" em duas grandes estruturas, um EU embriagado e um EU sóbrio, que atribuem valores antagônicos ao objeto bebida. Essa fragmentação do sujeito alcoolista é percebida na sua própria linguagem, pois é um sintoma psicopatológico bastante comum o uso da terceira pessoa no lugar da primeira (embreagem enunciva de pessoa). O alcoolista diz "O Paulão vai ali pegar uma cerveja", ao invés de "Eu vou ali pegar uma cerveja", pois a estrutura do seu EU é cindida em duas partes conflituosas.

Esse conflito está presente na própria categoria semântica de base (sóbrio versus alcoolizado), uma vez que o objeto álcool assume uma função paradoxal: o alcoolista ama e odeia, deseja e repulsa o álcool, isto é, atribui valores contrários acerca do mesmo objeto. Casos mais graves de cisão do EU estão presentes nas esquizofrenias e nos transtornos dissociativos, como o transtorno de múltiplas personalidades. No transtorno de personalidade múltipla, uma personalidade x "não sabe" da existência de outra personalidade y, que muitas vezes apresenta valores contrários (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2007). No alcoolismo, essa cisão do EU não se dá em várias personalidades, mas apenas em duas (sóbrio e alcoolizado), e não se trata, ainda, de uma cisão completa. Ou seja, o alcoolista mantém alguma conjunção com a sua parte alienada, o que não ocorre nas múltiplas personalidades, que possuem traços bem diferentes. Porém, as amnésias e as alucinações alcoólicas, bem como a embreagem enunciva de pessoa (o uso da terceira pessoa no lugar da primeira) são evidência de agravamento da ruptura do EU. Nesse contexto, a função do psicólogo é facilitar essa unificação do EU cindido, que trás uma série de sofrimento ao alcoolista e aos familiares.

Atualmente, Rodrigo encontra-se em disjunção com o álcool e também com o medicamento antidepressivo, apesar de permanecer em conjunção com os amigos de bar, o refrigerante e a sinuca. Todos os companheiros beberrões reconhecem que ele de fato não faz mais uso de bebidas alcoólicas e o respeitam. Isso significa que houve uma mudança no contrato social entre os companheiros (destinadores-

-manipuladores) e Rodrigo. Esse tipo de reestruturação do contrato social é mais uma exceção do que uma regra, pois o mais comum é os companheiros insistirem na manipulação: "Beba! Beba apenas um copo!". Os ex-alcoolistas realizados dizem que evitar o primeiro copo de bebida é fundamental no processo de tratamento, pois evita as recaídas. Apesar da mudança de contrato, o ex-alcoolista Rodrigo está apenas no começo do tratamento, pois o semi-simbolismo presente entre o plano de conteúdo verbal e o plano de expressão visual apresenta contradições: por que ele sorri e se alegra ao relatar histórias que ele mesmo considera desgraçadas?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível perceber e entender melhor a construção do sujeito alcoolista, bem como as funções semióticas e psicopatológicas do álcool na constituição de seu EU. Primeiro, a passagem do sujeito potencial para o sujeito virtual dá-se na infância, manipulada pelos próprios familiares beberrões. Porém, é só na adolescência que o sujeito virtual sede espaço a um sujeito realizado, manipulado por colegas de escola que já ingerem bebidas alcoólicas. O álcool atua como um objeto modal, possibilitando uma série de conjunções com objetos-valor (alegria, sociabilidade etc.) e disjunções com antiobjetos (depressão, problemas familiares, conjugais etc.). Esses resultados estão de acordo com a psicopatologia, uma vez que estudos revelam que há correlações entre abuso de álcool e depressão maior (KAPLAN; SADOCK; GREEB, 2007). Por isso, o alcoolista precisa de tratamento psiquiátrico, psicológico e de outras modalidades e não pode ser confundido, no dia a dia, com um bebedor social.

Como foi apresentado, a pessoa que bebe socialmente é um sujeito realizado, pois consegue iniciar, manter e interromper o seu comportamento diante o objeto bebida, pois não tem comprometimento em suas funções mentais/cerebrais. Já o alcoolista encontra-se em disjunção com o objeto autocontrole e não consegue, por isso, inibir o seu comportamento diante o sujeito bebida. Essa falta de controle, bem como esse processo de automatização do sujeito, é de natureza psicopatológica! A estrutura psíquica do sujeito alcoolista é "trincada" em duas partes, de acordo com as categorias semânticas de base alcoolizado versus sóbrio, o que caracteriza o alcoolismo em termos semióticos. Essa cisão do EU em duas partes conflitantes pode ser notada nas debreagens enuncivas de pessoas (uso da terceira pessoa do singular no lugar da primeira), bem como na contradição entre os planos de conteúdo e de expressão. Por que Rodrigo sorri ao narrar uma história que, segundo ele próprio, é marcada por perdas e sofrimento?

Essa contradição entre o plano de expressão visual e o plano de conteúdo verbal, a princípio, é uma evidência de que o EU de Rodrigo ainda se encontra dividido em termos de valores. Ao relembrar o passado como um alcoolista, de um lado, há um EU que atribui valores positivos a bebida (plano de expressão- sorriso, graça etc.) e, de outro lado, há um EU que atribui valores negativos a bebida (plano de conteúdo- perda da família, amigos etc.). Afinal, a bebida é um objeto-valor ou

antiobjeto? A medicação antidepressiva pode fazer os sintomas depressivos desaparecerem, bem como diminuir a compulsão ao álcool, mas não reestrutura o EU do doente. Um exemplo disso está no fato de que muitos sujeitos ex-alcoolistas, durante o longo tratamento, voltam a ingerir bebidas alcoólicas. Por isso, o trabalho do psicólogo, junto à medicação psiquiátrica, é central na reabilitação do ex-alcoolista, pois a reestruturação do EU é da ordem da resignificação.

REFERÊNCIAS

BEAR, M. F.; CONNORS, B. W.; PARADISO, M. A.. *Neurociências*: desvendando o sistema nervoso. Porto Alegre: Artemed, 2002.

DALGALARRONDO, P. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DEPOIMENTO de C. A. da C. C. (7:42 min.). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=OYh3NJtrnmw>. Acesso em: 25 nov. 2010.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEPOIMENTO Alcoolismo. (9:35 min.). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZSnevEypHd8>. Acesso em: 25 nov. 2010.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso*: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

FIORIN, J. L.. Semiótica discursiva. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). *Análise do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. v.1, p. 121-144.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Sémiotique*: Dictionnarie Raisonné de la Théorie Du Langage II. Paris: Classiques Hachette, 1986.

KAPLAN, H.; SADOCK, B.; GREEB, J. *Compêndio de psiquiatria, ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LARA, G. M. P.; MATTE, A. C. F. *Ensaios de Semiótica*: aprendendo com o texto. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROTONDO, H. *Manual de Psiquiatría*. 2. ed. Perú: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1998.

Agradecimento: Gostaria de agradecer especialmente a Prof. Dr. Glaucia Muniz Proença Lara, da Faculdade de Letras da UFMG, por sua simpatia, gentileza e, sobretudo, por sua "mente aberta" para a multidisciplinaridade.